EXPEDIENTE.

A carta do Sr. *F. L.. medico de partido da provincia*, carece de data. Supprido este esquecimento e assignado e reconhecido o auctor, ainda que não queira o seu nome publicado, estampal-a-hemos. A de Torres Vedras contém materia já dada n'este jornal e extraida de carta da mesma lettra ainda que de diverso nome.

Para outros numeros, — uma baga de cypreste, a violeta, e Deus, poesias do Sr. José de Lencastre: — Costumes patrios e fornecimento de agua a Lisboa pelo Sr. Caetano Xavier Pereira Brandão: — O pôr do sol pelo Sr. conselheiro A. I. M. Campelo: — Favas verdes produsindo ictericia, pelo Sr. Méra, de Beja: o rouxinol pelo Sr. Cabral Couceiro, etc. etc

# CONHECIMENTOS UTEIS.

## ESCÓLAS REGIMENTAES.

*Observações importantes.*

4219 Desde que principiou a aperfeiçoar-se a organisação dos exercitos, são chamados ao serviço militar, os cidadãos de todas as classes. A sorte designa indistinctamente o rico, e o pobre, o nobre, e o plebeu, e toda a difficuldade de uma boa lei de recrutamento, consiste hoje, em só isemptar aquelles, que ou a utilidade publica, ou a inhabilidade fisica, ou finalmente o desvalimento de alguem, exige que fiquem isemptos. Assim corre tambem a respeito do exercito portuguez, e não fallando n'esses mancebos ociosos que as auctoridades frequentemente nos remetem, e que desejaramos não contar nas fileiras por motivos que para aqui não vem; é quasi um dever proporcionar-lhes a instrucção primaria, como meio de ascenderem a postos, outr'ora quasi do exclusivo dominio da aristocracia; mas que de muito tempo, e hoje sobretudo devem estar patentes á intelligencia, ao merecimento, e aos justificados serviços. Além d'estas razões, outra ha especial.

A instrucção é mais que tudo precisa nas fileiras; como meio civilisador e preparatorio para se introduzirem e vulgarisarem os briosos principios da emulação, para se criar esse pundonor, por cuja influencia algum dia se hão-de ver desterrados muitos dos castigos disciplinares, que envergonham a humanidade; mas que se não podem proscrever de um jacto, sem que se hajam formado novos costumes, e preparado uma indole tal, que nenhum perigo se incórra na abolição d'aquelle codigo draconico.

Tambem logo que a instrucção se vulgarise no exercito, poderemos contar com um acrescimo de força; porque em igualdade de circumstancias fisicas, a victoria se bandeará sempre com aquelles que maior intelligencia desinvolverem, e em que as paixões moraes forem mais houradamente vehementes.

A França, a Inglaterra, a Allemanha, e a Prussia tem consagrado a maior attenção ás suas escólas regimentaes, como as principalmente destinadas a intruir o maior numero, isto é, os soldados, e inferiores. As duas ultimas, coherentes com os principios que as regem, tiveram em vista, estabelecer viveiros para officiaes inferiores; e na Austria é perfeitissimo o systema d'escólas adoptado em 1810 pelo conselho aulico.

A philosophia, a moral, e a religião nellas preparam o bom militar; e na sua combinação se distingue bem esse caracter meditativo, e ajustado do allemão. Na Inglaterra não é tão vasto o plano de instrucção: educar o filho do soldado no respeito á divindade, no amor da patria, nas primeiras lettras, e tambem em algumas occupações mechanicas, é o a que se limitam as escólas.

O ensino mutuo proposto pelo Dr. Bell, experimentado no asilo real militar de *Chelsea*, e generalisado por todos os corpos, é o a que os commandantes d'estes, e os respectivos generaes, dedicam todo o seu cuidado, e sobre que o commandante em chefe pede repetidas informações, e obtem as melhores estatisticas.

Entre nós tambem reviveram as escólas regimentaes sob o ministerio do Sr. Visconde de Sá da Bandeira. Mas terão ellas produzido o resultado em que se punha a mira? Cuidamos que não, e por differentes causas. Em primeiro logar, porque os capellães dos corpos, com quanto muito dignos a outros respeitos, nem todos possuem os predicados, e as maneiras convenientes ao magisterio. Além d'isso, e pela maior parte se aborrecem de uma tarefa nem sempre agradavel, e que não julgam recompensada pela gratificação que se lhes abona. Acresce tambem a nenhuma fiscalisação que n'isto se tem, e a falta de unidade, e de instrucções quanto ao methodo; instrucções que o governo deve fixar, escolhendo entre os tantos, e optimos directorios que hoje existem, de ensino mutuo, o mais efficaz e exequivel. Outra causa do pouco esmero, é a nenhuma esperança de recompensa, e o nenhum temor de castigo, seja qual fôr o comportamento do mestre. Muito conviria pois que os Srs. inspectores, ou officiaes que para isso recebessem commissão especial, indagassem o estado, e aproveitamento das aulas regimentaes, em relação ao numero dos discipulos; e o governo por estas informações regulasse tambem os seus louvores, ou censuras. Se estas reflexões cabem em geral a respeito de todos os discipulos, algumas ha especiaes ácerca dos discipulos soldados. O serviço das guarnições distrae-os totalmente; e nenhum estimulo, ou premio recebem, como fructo de seu adiantamento. Seria comtudo facil prodigalisar-lhes alguns elogios, algumas distincções; pouparlhes correcções mais fortes etc.; por modo que, desde logo experimentassem que a par da instrucção, se lhes presupunham sentimentos mais elevados, etc.

Estes estabelecimentos, que á primeira vista parecem tão sem importancia, a possuem comtudo em subido gráo. Para a fazermos sentir, vamos aqui relatar o seu resultado em França, cuja civilisação parece não ter relação assignavel com a da massa da nossa população. E comtudo nós mesmos nos admirâmos de certo atrazo em que não suppunhamos a generalidade dos francezes, mas que temos de acreditar, porque o documento que abaixo trasladamos é extraído do jornal militar official do exercito, publicação correspondente ás nossas ordens do dia.

*Direcção do pessoal — 2.ª divisão — repartição dos estados maiores, e das escólas militares.*

*Paris 30 de outubro de 1843.*

«O presidente do conselho, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, exigiu uma conta particular dos resultados obtidos nas escólas regimentaes d'infanteria, e de cavallaria durante o anno de 1842; e eis-aqui o seu resultado:

No 1.º de janeiro de 1842 os regimentos d'infan-

teria, e de cavallaria, os batalhões de caçadores de Orleans, os artifices da administração, e do trem d'equipagens, contavam 218:720 homens que não sabiam ler, nem escrever; isto é 81 por cada 100.

Naquelle mesmo anno, 40:319 aprenderam a ler, e a escrever, de sorte que o numero dos militares desprovidos de instrucção já no 1.º de janeiro de 1843 se achava reduzido a 178:401, isto é, a 66 por 100.

O numero de militares sem instrucção ainda é consideravel, mas tambem a experiencia demonstra que os 4 quintos das recrutas que formam os contigentes annuaes, não sabem ler, nem escrever. O exercito se veria pois na carencia de sujeitos capazes para os postos inferiores; se por ventura não provêsse á instrucção dos homens que recebe nas fileiras. Por outro lado, e em virtude das baixas havidas em 1842, 10:830 discipulos da primeira classe, e 3:903 da segunda, isto é, 14:733 homens voltaram a seus lares, e derramaram portanto na população os beneficios da instrucção recebida no corpo.

Estes resultados, que por modo incontestavel comprovam a utilidade das escólas instituidas para vantagem do exercito, e da população, devem-se ao zelo, e cuidados dos directores, e monitores das escólas regimentaes, no desempenho de seus deveres. Todos se assignaláram por modo vantajoso, e 211 que foram especialisados pelos Sr.s inspectores geraes foram assim recompensados; 71 directores por uma honrosa menção de seus nomes, e com gratificação: 30 monitores geraes, com elogios no jornal militar official; e 110 simplesmente gratificados. O emprego que se vai fazer em quasi todos os corpos de um novo methodo d'ensino, proprio para accelerar o progresso dos discipulos, deve fazer-nos esperar de futuro resultados ainda mais satisfactorios. »

*Augusto Xavier Palmeirim.*

---

## SANCTA BIBLIA.

(*Carta.*)

4220 Os estorvos inevitaveis a uma empreza recente, obrigando-nos a reformar nosso primeiro prospecto, foram causa de que mais cedo nos não dirigissemos a vós: o que hoje fazemos, para vos rogar o favor de aceitar o incluso prospecto da publicação da Santa Biblia, o qual a nosso ver, em nada desdiz do interessante periodico por vós redigido com tanto credito vosso, e da nação, em geral.

A *Revista*, que tem sido incançavel promotora de quanto é util, e honesto, foi a que nos suggerio o pensamento da presente edição, quando lamentou a introducção nestes reinos da versão feita pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, vindo esta desacompanhada das notas de seu eximio auctor. Na mesma occasião ponderaste vós a necessidade de se vulgarizar a dita versão em toda a sua integridade, e como até hoje ninguem a isso se propoz, nós o emprendemos, juntando-lhe algumas outras notas, que talvez se não escuzam; sendo todas dos mais abalizados, e orthodoxos interpretes. Tambem nos parece que obterá a vossa approvação o modo da publicação por folhetos; e outrosim, o adorna-la de estampas lithographadas, como as costumão executar os mais habeis artistas da capital.

A *Revista*, que despertou a idéa, tome pois a si o acredita-la, inscrindo-o nas suas columnas: o assumpto diz com a gravidade da folha: se o titulo da *Santa Biblia* é mais que sufficiente para ennobrecer todo o periodico em que se estampe; o vosso nome, etc.

Escriptorio da edição da *Santa Biblia*, calçada do monte n.º 75 1.º andar, em 20 de abril de 1845.

*Os editores da Sancta Biblia.*

---

*Prospecto para a edição da Sancta Biblia.*

*Não basta, que as cousas, que se dizem, sejão grandes, se quem as diz não é grande.* Assim se expressa o *Padre Antonio Vieira*; e para não desviar deste conceito, valer-nos-hemos da authoridade do illustre *Visconde de Chateaubriand.* Daremos pois em tão escassos limites alguns excerptos do muito que este sabio escriptor expendeo, no *Genio do Christianismo*, ácerca do valor litterario da Biblia, a qual no entender de algumas pessoas, que todavia lhe reconhecem a prioridade dogmatica, e moral, talvez não esteja em conta de leitura amena, e recreativa.

« E' obra mui singular a que principia pelo *Genesis*, e acaba com o *Apocalypse*; que se annuncia no estylo mais claro, e perceptivel, e remata no tom mais figurado. Quem não dirá que tudo é grande, e simples na relação de *Moyses*, como a creação do mundo, e a innocencia dos homens primevos, que elle nos descreve; e que tudo é terrivel, e preternatural na visão do derradeiro propheta, como o fim do mundo, e as sociedades corrompidas, que este nos representa!

« Vinte auctores, em epochas entre si remotas, trabalharam na feitura dos sagrados livros, e posto que empregassem vinte estylos diversos, são estes sempre inimitaveis: nem se encontrão em outra alguma composição. E' fóra de duvida que a Biblia comprehende:

« A origem do mundo, e o annuncio do seu termo;

« A base das sciencias humanas;

« As regras de bem reger, desd'o governo paternal, até ao despotico; desd'a idade pastoril; até ás eras de corrupção;

« Os preceitos moraes adequados, tanto á prosperidade, como ao infortunio: agora ás classes mais elevadas, e logo ás mais humildes condições da sociedade;

« Em fim toda a sorte de estylos, os quaes formando de muitas composições diversas um só corpo, não tem semelhança com os estylos dos homens.

« Entre estes estylos divinos tres principalmente sobresahem:

« Primeiro, o historico do *Genesis*, do *Deuteronomio*, de *Job*, etc.;

« Segundo, a poesia sacra, que abunda nos psalmos, nos prophetas, nos tratados moraes, etc.;

« Terceiro, o estylo evangelico.

« O primeiro, com um encanto ineffavel, ora imita a narração da *Epopea*, como na aventura de *José*; ora se eleva como a ode, como depois da passagem do mar Vermelho; aqui suspira as elegias do santo Arabe; além, descanta com *Ruth* as mais ternas bucolicas.

« Quanto á poesia sacra, em que consiste o segundo modo de expressão das santas letras, são tantos os auctores, que tem discorrido neste assumpto, que seria prolixo da nossa parte dizer alguma cousa mais.

« Em fim o terceiro, e ultimo estylo dos livros san-

tos, é o do *Novo Testamento*: ali a sublimidade dos prophetas se transforma em uma ternura não menos sublime; é ali que nos falla o amor divino. Que unção! Que ingenuidade!

« Não ha uma situação na vida, para a qual se não depare na Biblia um versiculo, que parece posto ali mui de proposito para esse caso. Não venceria pouco quem chegasse a convencer-nos de que todos os acontecimentos possiveis, quer felizes, quer desgraçados tenham sido previstos, com todas as suas consequencias em um livro escripto da mão dos homens. »

Depois de um voto de tanto peso fôra temerario emittir a nossa humilde opinião; nem soffre este breve espaço a resenha, que encheria volumes, das innumeraveis bellezas de todo o genero contidas nesse incomparavel monumento da mais remota antiguidade. A' cerca delle se pode dizer, com um grande genio do seculo passado, quando lhe perguntavão porque não commentava *Racine*: — « Esse trabalho está feito, não ha mais do que escrever na margem de cada pagina: bello, harmonioso, pathetico, sublime!

São taxados geralmente os prospectos de exagerarem o valor das obras que annuncião; eis aqui um, que por mais que dissesse, nunca poderia conduzir a uma idéa cabal do seu objecto.

A edição que nos propomos, da versão do *Padre Antonio Pereira de Figueiredo*, (expurgada de alguns leves defeitos) com todas as notas do mesmo traductor, e outras mais, e o texto latino ao lado, será distribuida da maneira seguinte:

Todos os mezes serão publicados tres grandes folhetos *in* 4.° portuguez, contendo cada um 6 folhas, com 48 paginas, nitidamente impressas em bom papel, e com escrupulosa correcção.

Bellissimas estampas lithographadas por habeis artistas portuguezes, servirão de ornato a esta primorosa edição.

Preço por assignatura: — folheto com estampa, 140 rs. — folheto sem estampa, 100 rs. — avulso com estampa, 240 rs. — sem estampa, 160.

Recebem-se assignaturas em Lisboa no escriptorio da edição da Santa Biblia, e *Historia d'Hispanha*, calçada do monte, n.° 75, 1.° andar; e na loja da Viuva Henriques, rua augusta, n.° 1.

Os Srs. residentes nas provincias, que quizerem coadjuvar esta publicação, enviarão a sua correspondencia, *franca de porte*, unicamente ao escriptorio, remettendo de dous em dous mezes a importancia adiantada de 600 rs., querendo os folhetos sem estampas, e acompanhados de estampas 800 rs.

Por este prospecto que reforma o primeiro, e não será reformado, se avisa aos Srs. subscriptores das provincias, que a importancia das assignaturas remettida pelo seguro do correio geral, se acha depositada no mesmo seguro, d'onde sómente será levantada depois da publicação do primeiro folheto: e o mesmo se irá praticando com as subsequentes quantias, que vierem para o mesmo effeito.

---

## ORAÇÃO DO CHRISTÃO.

4221 Tem-se espalhado por Lisboa e mais partes do reino um folheto, composto de dois, intitulado — Da oração do christão por Silvestre Pinheiro Ferreira. Com a traducção italiana em frente, impressa em Roma; com licença da sagrada congregação encarregada do exame e censura dos livros.

Procurámol-o com curiosidade, lêmol-o com edificação, recommendâmol-o com alvorôço e vamos dizer sobre elle poucas palavras como agradecimento.

Pertendem algumas pessoas que o titulo deste folheto, com a clausula de *impresso em Roma com licença da sagrada congregação encarregada do exame e censura dos livros*, importa uma refutação plena, que S. Ex.ª pertendeu faser de todos os nossos artigos, sobre a sua Oração do Christão: — é uma offensa ao clarissimo juizo de S. Ex.ª; porque o *imprimatur*, que se deu em Roma, não foi ao escripto sobre que versára a nossa respeitosa questão com S. Ex.ª: foi a outro muito mais amplo e orthodoxo, o qual, ao tempo d'essa nossa questão, ainda não existia, nem se promettia, ou se esperava. Logo a declaração frontispicial — de haver sido aquillo impresso com auctorisação dos censores romanos, — longe de revelar vangloria, descobre no veneravel auctor a mais edificante de todas as humildades.

Tinhamos-lhe nós pedido, como nossos leitores se lembrarão, que — explicasse, para os intendimentos vulgares, aquelle seu artigo, em que a todos parecia vir negada a virtude impetrativa da oração.

S. Ex.ª, depois de mais largo reflectir sobre este nosso requerimento, assentou, não só em despachal-o, senão em o despachar com a mais guapa bisarria: — ajunctou ao artigo, que d'antes era unico, outro, procurando concilial-o com a verdade catholica, e esgrimindo com a maior galhardia contra os protestantes, a quem a intelligencia, dada ao primeiro artigo, haveria regalado.

Esta correcção, feita por S. Ex.ª a si mesmo, bem podéra ter sido estampada só em Portugal e em portuguez; mas S. Ex.ª quiz impôr-se maior humilhação, para mais se exaltar, — mandou verter em italiano a sua emenda honrada, licenceal-a pelos censores pontificios, imprimil-a em Italia e espalhal-a por toda a parte. — Se só nos tivesse querido castigar a nós, tradusiria e imprimiria com o *imprimatur* dos Srs. *Buttaoni* e *Canali*, unicamente o artigo que nós haviamos tido o atrevimento de lhe impugnar.

---

## AS MAQUINAS DE DEBULHAR.

4222 E' forçoso lembrar uma e mais vezes as doutrinas uteis, os bons conselhos, e os proveitos, que á sociedade podem vir d'adopção de uma maquina, ou d'um descobrimento moderno. As innovações custam por causa das novas despezas que devem fazer-se em época apertada, em que o lavrador d'um anno para outro vê suas rendas diminuidas.

Adoptar melhores instrumentos é economisar. Um que se deve acceitar desde já é a maquina de debulhar, que ha em Torres Vedras, que é a mais perfeita, que se tem até hoje apresentado. Seu custo é insignificante, porque sendo de pinho com cilindros guarnecidos de pregos, um carpinteiro fará uma em dois dias, que não importará em mais de meia moeda.

Póde de Torres Vedras levar-se para qualquer parte um modelo em ponto pequeno, para se fazerem outras, como já muita gente tem feito, fazendo espalhar estas maquinas nas Beiras Alta e Baixa, e em outros pontos do reino, onde ellas tem feito optimos serviços.

Na verdade é barbaresco, e muito dispendioso debulhar o trigo, centeio, e cevada, com os pés dos animaes, monaes ou mangoaes, por braços de homens na estação calmosa!! As debulhadeiras de quatro cilindros dão em um dia conta de muitos moios fóra da palha, sendo sómente puxadas por um junta de bois, ou dois cavallos.

Os effeitos são maravilhosos; e agora que estamos proximos á colheita, é necessario não descuidar de fazer as maquinas, que darão grandes economias, poupando canceiras e doenças aos homens, e aos animaes, e grandes sommas de dinheiro em todo o reino.

*C. X. P. B.*

---

ADVERTENCIA.

Cabe lembrar, e as datas bem claro o mostram, que a seguinte carta não é ainda resposta á do *joven lavrador* a pagina 475.

---

## CONTINUAÇÃO DA IMPORTANTE QUESTÃO SOBRE O FABRICO DO AZEITE.

(*Carta.*)

*Castello-Branco* 10 *d'abril de* 1845.

4223 Li no seu acreditado jornal o artigo 4077, assignado por *Um Curioso*, sobre a questão do fabrico do azeite: muito me lisonjeio com ver adoptada a minha humilde opinião por tão instruido escriptor, ácerca da apanha d'azeitona á mão, com escadas, e da conveniente poda, e limpeza das oliveiras para aquelle serviço se fazer commodamente — como expendi no meu artigo 3952.

Todavia este Sr. não combina com a segunda parte do citado artigo. » Convém desfazer a azeitona sem se entulhar, » ou (como neste paiz se pratica) demorando-a em tulha, » quando muito oito dias; d'est'arte se obtem mais, e melhor » azeite. «

Por meio da imprensa brada o dicto Sr. aos seus visinhos, e ao publico: *que não sigam aquella minha opinião.* Note o dicto Sr., que eu não expuz a minha opinião só, e desacompanhada (a qual nenhum peso teria); mas antes singella, e veridicamente a pratica geral de 14 ou 15 municipios d'este districto, onde senão entulha, nem salga a azeitona; obtendo-se d'ella o melhor azeite de Portugal, que em nada cede ao tão gabado d'Italia e França; por tanto demonstrei, que a pratica confirmava a doctrina dos sabios agronomos, que citei, e copiei neste assumpto, pelo que me não quadra a censura do Sr. Curioso.

Continuou elle » nem intendo, que hoje se deva negar, » ou pôr em duvida um facto, porque elle não está contido » no principio scientifico; este se não puder explicar aquelle, » é que ha-de caír.

Sim Sr. estamos conformes! Porém, que fiz eu no meu artigo 3952? Apresentei a opinião, e doctrina de Rosier, e Dalla-bella, as suas experiencias, a pratica dos paizes de melhor azeite, de não demorarem nas tulhas a azeitona; e disse como Rosier, » a azeitona junta na tulha apodrece, e » fermenta, quando ahi se demora, e resulta d'ella azeite de » má qualidade.

Esta proposição assentada na theoria, e pratica de Rosier, corroborei-a com a pratica de 15 concelhos, isto é, ajuntei-lhe milhares, e milhares de factos: ahi está o azeite de Castello-Branco, bem conhecido, e estimado no Porto, e em Lisboa, que me não deixa mentir; e que não consente, que eu seja refutado. — Ahi está o azeite de Coimbra (d'onde escreve o Sr. Curioso,) que não presta, é verde, acre, e muitas vezes rançoso; eu nunca o pude comer em oito annos, que frequentei na Universidade as faculdades de leis, e de philosophia, e os dois primeiros annos de mathematica: eu e os meus patricios usavamos do azeite de Castello-Branco; do qual fazíamos nossos brindes, que eram mui estimados. Portanto não sacrifiquei factos á theoria; assentei doctrina, ou opinião sobre factos.

Prometteu tractar o ponto experimentalmente o Sr. Curioso; quando isto li, esperava com ancia pelas experiencias convenientes, que eu tencionava repetir para minha instrucção, pois mui docil sou eu para mudar de parecer em vista de boas rasões. Porém emvez de experiencias li com admiração asserções vagas: — eil-as ahi — « Meu pai, por circumstancias, « deixou um anno de desfaser a sua tulha ao mesmo tempo « que os seus visinhos: desfel-a em agosto: teve mais e me- « lhor azeite. » Era mister, que nos declarasse, que de porções de azeitona iguaes ás dos seus visinhos muidas em agosto tivera mais, e melhor azeite; e quanto mais. Porém diser vaga, e indeterminadamente, que teve mais, e melhor azeite; — é não diser nada. — Pergunto-lhe eu, teve em agosto mais azeite da mesma porção d'azeitona que obtivera quando desfez a sua tulha no tempo costumado? E' evidente, que não sendo as porções iguaes d'azeitona muida, nada conclue, o diser que teve mais azeite. Póde diser-se, se teve mais azeite, é porque teve mais azeitona. Segue o curioso — « A « um negociante desta cidade acconteceu o mesmo, e teve o « mesmo resultado: a muitos outros tem tão constantemente « accontecido isto, que é crença entre nós, que a demora « na tulha é toda a favor do lavrador, no ponto subjeito. »

O facto do negociante está tão vagamente exposto, que conclue tanto como o antecedente; e por conseguinte a mesma resposta.

Ao argumento da crença de lá respondo com a crença de cá; e não sei porque a de lá mereça mais consideração que a de cá. Ora a de cá funda-se na appresentação de azeite mui espelhado, cor de oiro, doce, e sem máu cheiro; em quanto o de Coimbra é verde, acre, rançoso, de máu cheiro e peior gosto; e pelo que respeita á maior quantidade, que diz o Sr. curioso produsir aseitona entulhada, e salgada; muito sinto que o Sr. curioso não possa faser convenientemente por si a experiencia (como diz), porque queria pedir-lhe encaregidamente que fisesse a comparação do azeite, que houvessem de produsir duas porções eguaes d'azeitona, uma desfeita nos primeiros oito dias da apanha, a outra lá para agosto. Note o Sr. curioso, que é muito prejudicial em agricultura, assim como em tudo, argumentar com factos indefinidos, e mal averiguados; porque ou se cahe em erros, ou se corroboram os existentes, como no nosso caso. A verdade, a verdade, Sr. curioso, é que queremos; mas ella ordinariamente não se alcança senão á força de trabalho, e procedendo com vagar e claresa. Isto seja dicto e entendido em geral, e não mo leve a mal o Sr. curioso.

Continua elle: « é por esta razão, e não *pela ambição*, como o diz " o Sr. Ornellas, que os donos de lagares desfazem depois dos " seus freguezes; estes, ainda os que fazem sacrificios para " comprar o sal, demoram a sua tulha quanto podem ,, — perdoe-me o Sr. curioso, — mas eu no meu art. 3952 fallei dos donos de lagares do districto de Castello-Branco, e o Sr. curioso está fallando dos de Coimbra. — Os de cá demorão (não todos) a feitura do seu azeite para fazerem a vontade aos freguezes, que querem moer a sua azeitona logo que a colhem e não querem entulhar, e tambem para ganharem mais alqueires de azeite; não lhe chamei ambição, mas engodo. Por consequencia não acceito a contradicção do Sr. curioso. — Continua elle — eu li algures uma experiencia *mais exacta*, do « que a do Sr. Ornellas: mas não me recordo aonde, nem tenho » vagar para indagar. No mesmo dia, do mesmo monte d'azei- « tona separou o experimentador duas partes iguaes; uma foi « d'alli para o lagar: e outra salgou-a, entulhou-a, e des- « fe-la passado um anno: esta deu, diz elle, um quarto, ou » um terço de azeite, mais e melhor. — A experiencia que eu propuz ao Sr. Lavrador de Tras-os-Montes no fim do meu art. 3952 diz: — meça para uma tulha 5, ou 6 moi- « nhos no primeiro, e segundo dia da colheita; meça outra « tanta tambem acabada de colher, — leve uma destas por- « ções logo a moer, e mande a outra porção no fim de dous « mezes, e veja qual lhe dá mais, e melhor azeite. »

Parece-me que da simples leitura das duas experiencias se patentea, que ellas coincidem, e que tão exacta é uma como outra. A differença de (na minha experiencia) estar a azeitona dous mezes entulhada, e na do Sr. curioso um anno, não auctorisa, para que esta se diga mais exacta; ha a differença de que na minha não se salga a azeitona e n'aquella sim; porque eu impugnava o art. 3845 do Sr. Lavrador,

o qual entulhava, e não salgava, e por isso na mesma experiencia não precisa salgar a azeitona.

Tambem eu li em Dallabella na sua memoria da manufactura do aceite, o contrario de que o Sr. curioso leu algures, — pelas experiencias mais exactas achou o quanto se perdia na quantidade do aceite pelo methodo das tulhas, e calculou o prejuiso em todo o reino, andando pelos lagares a fazer as suas observações. — Tambem eu leio em Rosier — Oliveira — C. 2.° secç. 3.ª — a fermentação longo tempo continuada diminue em proporção do seu calor a quantidade do aceite, o que é tão facil de verificar pela experiencia, que escusamos insistir mais, etc. Segue-se o quesito chimico, e outros que respeitam á 2.ª opinião *«que se póde entulhar sem perigo, ou prejuiso ainda não a salgando»* Responda-lhe o Sr. lavrador de Tras-os-Montes, se quizer, que é quem sustenta essa doctrina no art. 3823, continuado de fl. 361; o que eu já combati como pude.

Todavia sempre direi, que a necessidade é quem talvez introdusisse em muitos paizes o uso de salgar, e entulhar a aceitona.

Em muitos concelhos não se podia (antes da abolição dos direitos banaes) moer a aceitona senão nos lagares dos donatarios: e então era força demoral-a 6, 7 e mais mezes, até que chegasse a sua vez a cada um dos lavradores. — E que remedio havia senão entulhal-a, e salgal-a!! Mostra a experiencia, que o sal impede, ou retarda a putrefacção; e é por isso, que salgamos as carnes, aceitonas, etc., porque d'esta arte se não corrompem, e nos servem de alimento. — Agora pois que o systema, que felizmente nos rege, nos livra dos direitos banaes, — não precisamos de guardar em tulhas a aceitona. — Continuou o ramerrão das tulhas, e por ventura durará ainda muitos annos, se em vez de ser combatido com boas experiencias, achar quem defenda, e recommende o uso de semilhante pratica. De V. etc.

*Fernando da Costa Cardoso Pacheco e Ornellas*

---

### PISO DAS VIAS PUBLICAS.

Mas o peior de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros
Tão rudes, e d'engenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d'isso.
*Camões.*

4224 Escreve a *Revista*, e tem repetido outros jornaes, coisas uteis, melhoramentos de proveito, optimos conselhos, em que se devia meditar, para reformação de nossa vida social, cheia de descomodidades; porém quasi todos os bons conselhos ficam em esquecimento. Perguntai lá aos muitos mil leitores da *Revista* se tem executado, ou feito verificar pelo menos aquillo, que a experiencia tinha a outros mostrado ser mui util? Muita gente haverá, que nem já se lembre de taes artigos.

E' portanto de absoluta necessidade recordar alguns d'elles. Ponderámos mais d'uma vez que as praças publicas de Lisboa estão tão cheias de pedras e calháos, que custa muito a passear por ellas.

Na cidade do Porto adoptou-se o nosso conselho, e hoje a praça de D. Pedro está tão liza, e até areada, que parece ter um tapete branco. O jardim com seus passeios em volta possuem a mesma belleza. E porque senão ha-de fazer o mesmo nas praças de Lisboa, e nos seus passeios publicos? Porque senão occupam tantos prezos, condemnados a trabalhos publicos, em anediar as praças e passeios? Este trabalho é insignificante, e de poucos dias. Quatro ou cinco dos Sr.s camaristas divididos a inspecionar estas obrinhas podem em oito dias ter feito alizar, aplanar, e até arear todas as praças e passeios. Mas se os Sr.s camaristas não podem correr com estes trabalhos, muitos de seus amigos não terão duvida em os fazer executar. Não custa cousa alguma andar com uns poucos de prezos a mandar que batam com maços de páo ou ferro as pedras resaídas, até que o terreno fique lizo. O estado presente é barbaresco, o remedio só depende da vontade.

*C. X. P. B.*

---

### INOCULAÇÃO STIBIADA.

4225 De poucos annos a esta parte procura a therapeutica tirar da pomada stibiada a maior utilidade, em certas molestias, excitando erupções locaes por meio d'ella, applicando-a, sem fricções, sobre a parte, em que convêm fazer alguma derivação aos liquidos superabundantes, que afrontam, algumas vezes, uma entranha, ou que simplesmente excitam fulgoses parciaes, nos tecidos recticulares.

Supposto que o uso d'este medicamento produza de ordinario os effeitos que o clinico se propõem, não deixa, todavia, de ter suas desconveniencias e até ás vezes de paralizar a espectativa, por meio de anomalias imprevistas. A maior, ou menor perfeição na pulverisação do sal; o estado de pureza da banha; o methodo, pratico das fricções, e a sensibilidade mais, ou menos forte do doente, frustram muitas vezes, esperanças aliás racionaes, ao que accresce a irregularidade da acção absorvente, que temos visto mui variada em diversos sugeitos, ainda sob a influencia de mesmos caracteristicos.

Attendendo a isto, pareceu-nos mui a proposito, transcrever uma nota, sobre este objecto, escripta pelo Doutor Debourge e transcripta da Gazeta dos hospitaes francesa para o *Journal de Pharmacie et de Chimie*.

As fricções, diz Debourge, e os topicos stibiados, com serem tão uteis em muitas molestias, não deixam de ter graves contras em rasão da grande deficuldade, que experimenta o pratico em graduar a erupção que deseja produzir. Para obviar a isto e preencher uma lacuna therapeutica, é que Mr. Debourge ideou um methodo particular para o emprego do tartaro stibiado; é o seguinte.

Desfâz, sobre um vidro plano, uma pitada do emetico, com quanto baste de agua, como se pratica com a vaccina secca, mas que fique, o todo um pouco denso. Subcarrega uma lançeta desta mistura, e faz no logar designado, o numero de incisões que lhe parece necessario. Estas incisões, ou picaduras, inflamam-se promptamente; e se lhes augmenta, por assim dizer, o volume, á vontade, humedecendo-as, duas, ou tres vezes, por dia, com um pincelinho molhado na mesma solução prescripta. Desta maneira, se promove uma erupção violenta, e por conseguinte accrescimento de volume, nas pustulas, segundo o caso exigir.

Este meio, segundo o auctor, tem a grande vantagem de localisar a erupção pustulosa; e de se obter o numero de pustulas que se deseja, dirigindo a seu grado, a marcha, e o desenvolvimento.

Lisboa 24 de março de 1845.

*Henrique José de Sousa Telles.*

---

### TINTA DE ESCREVER ARROXADA OU QUASI ESCARLATA.

4226 Cochonilha, em pó. . . . . 3 oitavas
Agua. . . . . 1 libra

Alcool. . . . . 1 onça
Dissolva-se no gral, filtre-se, e junte-se-lhe carbonato de soda . . . . . 3 oit.

*N. B.* A agua poderia ser gommada, porém o alcool, indispensavel para a conservação da tinta, precepitaria a gomma. Se em logar do carbonato se lhe juntarem as mesmas quantidades de pedra hume a côr passará do roxo-claro a escarlate. Esta tinta é uzada nas secretarias, e os francezes a vendem a 120 réis cada vidro de onça.

Já se vê que o fazel-a nada custa e produz sua economia, que em todas as secretarias e no fim de alguns annos, não seria inapreciavel.

*H. J. de Sousa Telles.*

**PÓS PARA PRATEAR METAES AMARELLOS.**

4227 Mercurio . . . . . 2 onças
Estanho, em rasuras. . . . . } . . . 4 onç.
Ponta de veado calcinada e preparada }
Sarro de vinho, em pó. . . . . 2 onç.

Amalgame o mercurio com o estanho, por meio da trituração, e junte depois as outras substancias até ficarem bem combinadas.

Applica-se aos metaes, por meio de uns bocados de camurça, ou de panno levemente humedecido, como quando se areiam castiçaes, candieiros, etc.

*H. J. de Sousa Telles.*

# VARIEDADES.

## COMMEMORAÇÕES.

**DESCOBRIMENTO DA ILHA DE S. MIGUEL POR GONÇALO VELHO CABRAL.**

8 DE MAIO DE 1444.

4228 Povoada já em grande parte a Ilha de Sancta Maria, succedeu como nos refere o Padre Cordeiro, no cap. 1.° do l. 5 da Historia Insulana, que fugindo um escravo negro a seu senhor, para a mais alta serra, que tem o lado do norte da sobredita Ilha, reparou que a pouca distancia havia terra muito maior, e com esperanças d'alcançar perdão da fuga, levou esta nova a seu senhor, o qual certificando-se da realidade logo deu parte ao Infante D. Henrique. Este achou corcorde a informação com a noticia dos mappas antiquissimos, que possuia; e mandou logo a Frei Gonçalo Velho Cabral em demanda da nova Ilha, mas voltou ao reino, depois de infructuosas diligencias. Advertindo-lhe porém o Infante que devia ter passado sem o perceber por entre aquellas duas Ilhas, tornou lá e descobrio terra, em 8 de maio de 1444, que por ser o dia da apparição de S. Miguel Archanjo lhe deu o mesmo Frei Gonçalo o nome d'Ilha de S. Miguel.

Foi pois um preto que primeiro deu noticia d'essa flor do occeano, tão bella, e productiva. Muitas fabulas se referem ácerca deste descobrimentos e muitos factos de bastante interesse para os curiosos. Conta-os o primeiro historiador Insulano, o Doutor Fructuoso, em seu livro manuscripto intitulado *as saudades da terra*, do qual se conserva copia incompleta na bibliotheca nacional de Lisboa, estando de posse do original, o Exm.° Conselheiro Duarte Borges da Camara.

*Marianno José Cabral.*

**OS DESPOSORIOS DO PRINCIPE D. PEDRO COM A ARQUIDUQUEZA DE AUSTRIA D. LEOPOLDINA.**

13 DE MAIO DE 1817.

EPYTHALAMIO.

*Vertido de outro escripto em latim em versos saphicos.*

4229 Correi, ó virgens; e coroada a fronte
De brancas fitas, de nevadas rozas,
Cestos de flores desparzi ao grande
Principe luzo:

Correi, mancebos, da afamada Lizia
Adorno, e gloria: sonorozos cantos
Tecei, e o nome celebrai augusto
D'alta Princeza:

Ella, qual lua, que nos céus brilhando
Transmitte á noite os appolineos raios,
Placido o aspecto, o coração conforme,
Sóbe aos altares:

Não, porque cumpra, que na flor dos annos,
Tépido sangue dos golpeados membros
Pródiga vêrta; e o vital sôpro exhale,
Victima affouta:

Mas porque á voz do genitor augusto
Dê liberal ao grande Pedro a dextra:
E nas prizões, que um digno amor tecêra,
Viva enlaçada:

Cobrindo as aras de oblações votivas,
Pae do universo, o teu favor supplica;
E que de forte venturosa prole
Mãe a abençoes:

Que a tal esposo em laço tal unida,
Laço que o céu, que o coração approva,
Uma só alma, em quanto a vida a alente,
Ambos anime:

Que á luza gente de esforçado peito
A fama avulte; e por amiga alliança
Os dois imperios vincular consiga
Nos mundos ambos:

Que digno tronco produsin tal fructo,
Que vem de Lizia duplicar a gloria,
E abrir á luz, para não mais findarem,
Seculos d'oiro?

Que assim te adorna não vulgar piedade,
Alma elevada, religião paterna,
E a formosura, a que realça o preço
O rózeo pejo!

Ei-la que assôma; como sáe radiosa
Do boreal pólo rutilante estrella,
Longinquos reinos a allumiar, fundados
N'outro hemisferio!

Sulca os tufões do ameaçador Occeano,
Não temeroza das crueis procellas,
A imperial virgem, que contempla absorto
Austro remoto:

Mas que estrondoso meus ouvidos fere
Alto clamor de susurrante povo,
Mal vem a esquadra aos suspirados portos
Salva embocando?

Exulta, ó Pedro, e os braços teus estende;
N'elles aceita a vencedora ninfa,
Que do alto Pégo, e da sanhuda Thétis,
Surge triumphante:

Dourados dias vem viver comtigo
Em longa edade a pudibunda esposa,
Que augusta prole, que assemelhe a Estirpe,
Dar-te promete:

Qual vide abraça o magestoso robre,
Tenros pimpolhos sobrepondo airosa,
Socios no amor assim vivei, consortes,
Eras sem conto:

Da augusta planta em linda primavera
Os densos ramos veja em fim curvados
Da flor, e fructo, ao delicioso peso
Lizia ditosa. *A. J. M. Campêlo,*

---

## ORIGENS DE MAIO.

TRADUCÇÃO DO INTROITO DO LIVRO V. DOS FASTOS DE OVIDIO.

4230 PERGUNTAES donde ao Maio é vindo o nome?
Que sei eu! confusão de mil caminhos
Me enleia, me detém: de origens tantas
Qual tomar! a riqueza me empobrece.
Musas, vós me inspirae; que é vossa a fonte
Da Hippocrénia Aganippe, alto portento
Do Meduseu corcél: fallae. Discordam!...
Eis Polymnia começa, as mais a escutam.

« Mal do chaos um triplice universo
Brotou, de especies várias povoado,
Do pêso constrangida a terrea mole
Veio o baixo occupar, trazendo os mares:
E por mais leve o céu foi-se ás alturas.
Sol, estrellas, e vós, frisões lunares,
Vós, a quem pêso algum não tolhe os vôos,
Saltastes pela asul immensidade.
Precedencias porém não as cediam
Então aos céus a terra, ao sol os astros;
Tudo era egual: no solio teu, Saturno,
Quanto nume plebeu não foi sentar-se!.....
Que vezes par a par com o padre Oceano
Algum deus forasteiro!... e a sacra Thetis
No infimo logar foi recebida!.....
O APREÇO, e a graciosa REVERENCIA,
Eis que em nupcias legitimas se ajunctam;
E nasce do consorcio a MAGESTADE,
Filha que os nobres paes no aspecto inculca,
E apenas surge á luz é já crescida.
Vae subito poisar no empyreo cume,
E de lá, senhoril, encanto de olhos,
Toda purpura e oiro está brilhando.
Poisam-lhe a um lado, a outro, o pejo, o medo:
Víreis fazer-lhe sala os varios numes;
Compor-se cada qual á imagem d'ella.
Entra-se a achar valor ás dignidades,
A dar-se preço ao merito distincto,
A não ser cada um de si tão pago.
Durou na ethérea côrte aquelle estado
Annos e annos: alfim, caiu do throno,
Pelos fados expulso, o Deus longevo.
Pare a TERRA sacrilegos gigantes,
Ameaçando a Jove, armados monstros,
De mãos cento, e dragões em vez de pernas.
E « ó filhos, filhos meus, audacia! « exclama
« Guerra, exterminio aos arbitros do mundo. »
Já congérie de montes sobre montes
Para a horrenda escalada apparelhavam,
Fita a ambição nas ultimas estrellas,
E no throno de Jove os olhos igneos;
Mas Jove de seu throno eis vibra o raio;
Ao fragor do trovão responde o estrondo
Dos montes sobre os montes fracassados
A rolar, a engulir a turba iniqua.
De tão possantes armas amparada,
Desde então ficou firme, e inda hoje illesa
Dos deuses permanece a Magestade.
Poisa de Jove ao lado; é guarda sua;
E sem violencia lhe sustenta o sceptro.
De lá baixou á terra: obteve os cultos
De Romulo, de Numa, emfim de quantos
Deram leis por seu turno á grão cidade.
Ella aos paes, ella ás mães attrae respeito;
Ella a infancia protege; ampara as virgens:
Ella o marfim curul, e os dados feixes
Faz acatar do povo; ella, e só ella,
Por coroados corcéis levada em pompa,
Triumphal se remonta ao capitolio. »

Findou Polymnia: quanto disse, approvam
Clio, e Thalia, d'entre as nove a mestra
No extraír aureos sons da curva lyra.
Mas principia Urania; callam todas,
Nem um cicio lhe perturba o canto.

« Foram rugas e cãs no tempo antigo
Veneração profunda e summo apreço.
Em quanto a varonil robusta edade
Pelejava no campo, e defendia
Nos duros arrayaes os patrios deuses;
Cançada, inerme, a próvida velhice
Dava no bom conselho auxilio á patria.
Só de graves anciãos constava a curia,
O seu placido nome inda hoje o próva,
Que do corpo senil se diz senado.
Annoso era o juiz, aos annos verdes
Vedando a lei sisuda accesso aos cargos.
Se íam moços e um velho, ao velho os moços
Davam cortezes o logar do centro;
Se com elle ía um só, lhe dava o lado
Menos exposto ao publico bolicio.
Palavra de tingir em pêjo a face...
Quem jamais ante um velho a soltaria!
Por censura se tinha a longa edade.
Cem maduros varões por isso elege
Romulo entre o mais povo; os chama *padres*
E da nascente Roma os encarrega.

Assim vossos Maiores imporiam,
Suponho, ao florco mez de maio o nome,
Em lembrança do culto ás cans votado:
Talvez até que Numitor — «outorga»
A Romulo dissesse, — «outorga, ó neto,
Aos velhos este mez por gloria minha;
O que de apóz lhe vem pertence aos moços,
Da edade juvenil chamado junho.»

Eis Calliope surge, a flor do rancho,
De héras coroada as esparzidas cômas.

«O OCEANO — diz — o poderoso OCEANO,
Nume, que um orbe immenso immenso abarca,
Havia desposado outróra a Thetis,
Progenie de Titão. Do seu consorcio
Nasceu Pleióne; e do consorcio, diz-se,
Desta e d'Atlante, o aguentador da esféra,
Septe Pléiades vem, formosas todas;
Porém MAIA! ... formosa em tanto extremo,
Diz a fama, que Jupiter foi d'ella.
No cume do Cylléne, entre a espessura
De agreste acyprestal, deu MAIA ás auras
De seu furtivo amor furtivo fructo,
O que fende ar e céus com pés alados.
Por isso com razão lhe hão dado cultos
Caudaloso Ladon, Ménalo ingente,
Toda essa Arcadia emfim, terra que á lua
Fóros se atreve a pleitear de antiga.
Da Arcadia foragido aos lacios campos
Veio Evandro, trasendo os patrios deuses.
N'esse tempo, o logar, onde hoje surge
Do universo a cabeça, a altiva Roma,
Era um páramo agreste!... arvores!... hervas!...
E a longe, a longe..... algum tugurio! Chegam:
« Parae, — grita de Evandro a mãe presaga —
« Eis o sitio, fadado ao vasto imperio!.....
« Aqui!.... estas soidões!....» o heroe nonacrio
Venera a prophetisa, a mãe respeita;
Pára, e na terra estranha assenta os lares.
Foi elle pois, o que ensinou primeiro
N'esta região da Hespéria innumeraveis
Crenças, ritos da Arcadia, hoje romanos:
O de Fauno caprípede bicórne,
E o do alípede nume: o teu, ó Fauno,
Dão-t'o os Lupercos, seminus correndo
Co'a disciplina em punho. A gloria tua
Sobrelevou porém á gloria d'elle,
Patrão dos furtos, inventor da lyra,
Filho de Maia; ao mez déste o seu nome.
Nem foi unica em ti acção tão pia:
Cordas septe no musico instrumento
Em honra ás septe Irmãs se diz que has posto.»

Rematou: outras duas a applaudiram.
Que farei? cada qual das tres cantoras
Eguaes suffragios teve! A escolha, ó Musas,
Temeraria seria: adoro a todas.

*Antonio Feliciano de Castilho.*

---

**O INCENSO DA POESIA. AO SANCTO ESPIRITO.**

4231 Oh tu que infundes co'a sciencia a graça,
Alma dos céus! espirito divino!
Desse throno de luz, onde fulguras,
Baixa á terra n'um vôo repentino!
Os alados cantores, que te cercam;
A gloria, os lumes da celeste esféra;
Deixa um momento, deixa; á terra volve,
Onde, quadro mais raro hoje te espera.

—

Sobre as ruinas de teu sacro templo,
Vem vêr de Christo a cruz de novo erguida,
Vencedora brilhando em todo o mundo,
Fenix das proprias cinzas renascida.

—

Vem vêr em Portugal o anjo das trevas,
Depois de haver discordias acendido,
Mergulhar-se no pego de seus erros,
Onde luctando em vão, jaz submergido.

—

E verás a harpa escolhida,
Que a David outro'ra déste,
Em lyras mil repartida;
N'um som unico, celéste,
Teu nome, e gloria louvando;
Paz á terra proclamando!

—

Verás os validos teus
Em nobre exercito unidos,
Consagrarem-te, meu Deus,
Altos festejos devidos!
Sacros hymnos entoando,
Teus altares rodeando.

—

Na bandeira lhes reluz
Nivea pombinha, que beija
O cimo de excelsa cruz:
De graça raios dardeja,
E por onde vai passando
Corações vae captivando.

—

Sustenta a illustre fileira
Lyras em logar de espadas:
Tem de loiro, e de oliveira
Airosas frontes coroadas:
A eternidade encarando
Vão intrepidos marchando!

—

Eis as falanges eleitas
A quem as armas doaste!
Senhor, augmenta-lhe as forças
Que em teu serviço creaste!

—

E a mim que tambem milito
Na tropa tua escolhida,
Dá-me a gloria de servir-te,
E depois.... tira-me a vida!

*D. Antonia Gertrudes Pusich.*

---

**MASILGADO.**

(CONCLUSÃO.)

VI.

Ah! que arrastando a custo os membros lassos
Inda um se abraça ao outro e alli misturam
(Até os separar de todo a morte)
Suas almas.....

Santos e Silva, *Braziliada.*

DEPOIS DE TRES ANNOS.

4232 Era pela tarde de um dia de verão.

Tinha havido uma trovoada, d'estas que fasem tremer os mais affoitos; porém começou depois, como sempre acontece, a limpar o céu, e chegou em fim a por-se de um azul tam puro, que apenas ficaram para a banda do nascente umas nuvens abrancaçadas, a coisa mais linda, que se podiam até comparar com a seda fina,—da melhor que podesse haver.

O Doiro com as suas aguas barrentas hia por alli a baixo a correr para a barra, por onde vinham entrando dez ou doze caravellas, todas em fileira, e com as velas içadas, que metiam uma vista como nunca se viu. Pareciam mesmo um bando de cisnes a banharem-se no rio.

Que tarde tão serena! era uma tarde de rosas.

O sol estava quasi posto, e começava a soprar uma viração muito branda, que folgava ao de leve pelas folhas do arvoredo da cêrca de Vall'-da-Piedade, d'onde resahia o convento todo caiado e airoso.

Ah! Senhores, e que encanto não era aquella devota casa!

As janellas estavam abertas por causa do calor, que hia, mas só n'uma d'ellas havia um padre a tomar a fresca; um padre velho....

Quem, quem havia elle de ser?.....

Era o nosso Fr. Salvador do Carmello!

Ai, *Masilgado, Masilgado*, quem te viu já, e quem te vira agora!

Tão bem posto e vigoroso d'antes, e hoje assim alquebrado e acabadinho!

Que é da luz que havia n'aquelles olhos? que é da graça que havia n'aquella bocca?

Já não era o mesmo, que foi. Isso nem por sombras.

A pelle enrugou-se-lhe; a barba e os cabellos embranqueceram-lhe....

Oh! Deus Sagrado, quanto póde a paixão n'um homem!

*Masilgado* estava triste e meditava. Assentado, e com um livro aberto na mão, mostrava não faser reparo em coisa nenhuma cá d'este mundo.

Vae, de repente, bateram-lhe de manso á porta da cella.

— Quem está ahi? — perguntou elle, alevantando o rosto.

— Sou eu, padre mestre Carmello. *Benedicite.*

— Abra, Fr. João, póde abrir.

E um leigo baixinho e gordo ergueu a aldrava e entrou.

— Então que me quer?

— Vinha avizal'o, padre mestre, que está lá fóra á portaria uma pessoa que o procura.

— A mim, Fr. João?

— Sim, padre, a vossa reverendissima.

— A mim, que não tenho nada que tractar..., e que casta de homem é?

— Elle é assim.... é um homem mal-trajado e de edade, e diz que sem falta lhe quer fallar já e já.

— Pois em fim deixe-o entrar, deixe e veremos. Fr. João fez-lhe a sua venia e sahiu.

— Quem póde, ou que pódem pertender agora de mim? vivo aqui tão retirado.... Vivo?! Oh! Senhor, que viver o meu!! Estou aqui sumido para este canto, arredado de tudo.... nem cuido, nem se me dá do que lá vai por fóra...

Em quanto *Masilgado* scismava n'isto, abriu-se de novo a porta, e appareceu um velho, muito velho, como a serpe, apegado á sua molêta de marmeleiro.

Porém, Virgem Maria! que grito, que elles deram ambos, ao avistarem-se, e como correram com os braços abertos um para o outro!

*Masilgado* ficou de pé, estatelado, e com os olhos postos no crucifixo, que estava dependurado na parede da cella, e o velho caíu prostrado no meio do chão.

E não adivinham o que seria aquillo?

Era um creado antigo que encontrava seu amo, de quem tanto havia se perdêra.

Era Gonçalo *barbudo* que chorava abraçado com Fr. Salvador do Carmello!

Passou-se um bom quarto de hora sem que este nem est'outro abrisse a bocca.

Não podiam. Eram os soluços uns atraz dos outros, eram as lagrimas a correrem-lhe em fio.

*Masilgado* pegou pela mão a Gonçalo, sem lhe dar palavra, levou-o para ao-pé da janella, assentou-o chegado a si, e principiou em fim a perguntar-lhe:

— Então dize-me: como vieste a saber?...

— Oh! meu rico filho, meu rico amo do coração!

— Como suspeitaste que eu estava aqui?

— Meu filho, oh! meu filho, — e o pobre homem beijava-lhe as mãos, como sofrego, e não atinava senão com estas palavras.

— Anda, anda, — proseguiu Salvador alevantando-lhe a cara para cima — quem te descobriu que vim a metter-me frade, Gonçalo?

Quem, senhor? Adivinhei-o; pois então? adivinhei-o.

— Mas conta-me....

— Sabe vossa-mercê que mais? descobrio-m'o

o meu anjo da guarda, a quem todas as manhãs o pedia, e todas as noites, e a todas as horas. Foi o meu bento anjo da guarda, foi, de certo, que aqui me trouxe a este convento.... que me guiou a que entrasse alli em baixo, na egreja, onde em quanto eu resava o meu terço, ouvi distinctamente uma voz que eu differencei, e podéra não! que differencei entre todas sem demora.

— A minha vóz?!....

— Ora! então! pois não cantava cá em cima no côro.

— E' verdade. Cantava.

— E fui logo, logo ter com o porteiro.... oh! senhor, senhor, e quem tal me dissera a mim! ao que eu tenho corrido!.... eu, que para mais estou velho e achacado.. mas que importa? buscava-o, como quem busca a propria salvação, procurava-o de noite e dia, por toda a parte, desde aquella hora fatal, em que, vai por tres annos, vossa-mercê me fugio, em que estas minhas pernas não poderam alcançal-o.... e quando, ao depois, cheguei a casa.... oh! meu rico filho!....

— Oh! Cala-te, — bradou Fr. Salvador, erguendo-se de um pulo, como se lhe acudira uma lembrança cruel.

Gonçalo *barbudo* intendeu que sempre devia acabar:

— E quaudo cheguei a casa não pude topar....

— Cala-te.

— Não pude topar.... a menina....

— Ah!

— Que não sei o caminho que teve aquelle cherubinzinho do ceu.... mas sei, sei, o Senhor me perdoe, se pecco; — ou então levou-a comsigo algum dasamparado de Deus....

— Desamparado!.... — balbuciou Salvador, e tapando os olhos c'o as mãos, foi cahir de bruços sobre a cama, que era uma cortiça, com um cepo de carvalho á cabeceira.

Gonçalo arrastou-se pelo sobrado para junto delle e teimava em n'o consolar:

— Está no céu, meu amo, perdôe-me por quem é, o desatino que eu disse. Está no ceu, que aquillo.... foram de certo, os anjos que a tiraram do seu bercinho.... Está no céu.

— Está, está. — Respondia *Masilgado* entre suspiros.

— E agora, senhor, — proseguiu *barbudo* para mudar de conversa — para aqui venho agora morar, aqui venho acabar em sua companhia, que me hade faser esse gosto; não hade? quero um hábito irmão do seu, que me amortalhe em vida, meu filho, mas que seja de donato ou leigo... que tambem para resar por umas contas..

— Pois sim, tel'o-has, pois sim.

— Quero acabar em paz e descanço estes ultimos dias, porque isso que me prendia lá fóra.. aquella jura que lhe dei de vingar a sua affronta...

— Oh! homem, que foi?.. nome de Deus!.. que farias tu?...

E Salvador poz-se em pé, a modo de estupefacto.

— Fiz a minha obrigação, — lhe respondeu o criado; — fui a Lisboa...

— E depois?

— Cheguei ás casas d'elle, que são quasi paredes-mêas com a sé...

— Jesus, e Jesus! e depois?...

— Subi, procurei-o... procurava-o para o esganar... ao desalmado...

— Acaba, homem, acaba por uma vez.

— E não dei com elle, senhor porque já tres semanas havia, que estava....

— Aonde, Gonçalo, aonde?..

— Sepultado na egreja de Sanct'Anna!

Salvador ficou passado, e dobrou d'alli em diante os celicios e penitencias. Gonçalo *barbudo* nunca mais o desamparou.

———

### O PROMETTIDO E' DEVIDO.

Ora, ainda que é bem sabido de fé que o padre frei Salvador do Carmello morreu, como um sanctinho, pelas muitas virtudes que nos ultimos dias de sua vida praticou, e pelo valor, com que resistia ás tentações do demonio, que a cada passo, o tentava, sempre quero pedir a quem ler esta historia, que se não descuide de lhe resar, ao deitar da cama, o *requiem eternam*, em que logo no principio fallei, e que estou certo que de boa vontade me prometteram. Se por elle não aproveitar, como espero, aproveitará, ao menos, pelo villão-ruim, que tão grande desgraça causou, desinquietando assim uma mulher casada.

E tomem d'aqui exemplo os tafues da moda... Bom será que se emendem.

Deus o permitta.

*Pereira da Cunha.*

## NOTICIAS.

### FUGA DEPLORAVEL.

3333 Haviam conseguido as auctoridades que o vehemente mente suspeitado auctor da tragedia da *calçada de S. João Nepumeceno* (vede o artigo 4185) fosse preso juncto á villa de Lagôa de Porches.

verdade ía ser aclarada pela justiça; se innocente, sairia da fragua acrisolado e brilhante, se culpado, seria ainda util ao genero humano, pelo exemplo que daria com seu sangue a futuros malbaratadores do sangue alheio.

Do sitio em que fôra tomado, o transferiam para Lagos: no caminho, juncto ao logar da Albardeira, escapa e desapparece. O depositario que tal joia deixou perder foi o tenente José Corrêa de Freitas.

### CASTIGO TARDIO.

4234 A 1 DO corrente saíu da relação do Porto, para ir ser suppliciado na villa da Rua, na Beira, o façanhudo salteador e assassino Manuel Pires, por alcunha o *Russo*, cuja horrenda biographia já foi copiosamente escripta n'este jornal, a pagina 569 do tomo primeiro sob a epigraphe *argumentos a favor da pena capital*. Tem 45 annos, mulher, filhos e fazendas. Sendo tirado da prisão no dia 29, pediu ao carcereiro licença para fazer o seu testamento, em que desejava beneficiar a amasia com quem vivia ha muitos annos. A elle e aos mais presos pediu tambem perdão encommendando-lhes que resassem por sua alma.

Os seus principaes crimes, já conhecidos dos nossos leitores, haviam sido commettidos a 19 de fevereiro, 9 de octubro, e 21 de novembro de 1839. Perto de seis annos! E' em verdade incrivel este vagar da nossa justiça no punir! Se a compaixão publica não vae, emvez do saudavel terror, cercar o patibulo d'esta vez, é porque as malfeitorias d'aquelle desgraçado pertencem ao numero d'aquellas, que, ouvidas depois de um seculo, fazem ainda tão viva impressão quasi como na hora em que se perpetraram!.....

### INFAUSTISSIMA PERDA.

4235 NA madrugada de hoje, quarta-feira, falleceu ao cabo de uma longa e muito incommoda molestia o Eminentissimo Sr. Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Francisco II. A egreja, e as lettras estão em lucto, e muita pobresa em lagrimas.

Para outro numero daremos o necrologio deste virtuoso prelado.

### CREAE O CORVO ETC.

4236 UMA rapariga, de uns vinte annos de idade, loira, bonita e bem feita, casada mas sem fazer vida com o marido, achando-se a servir como criada em casa do Sr. major Miguel Xavier de Moraes Rezende, á Quintinha, fugiu na madrugada de 2 do corrente com um preto por nome Roberto, tambem rapaz, e que o major trouxera comsigo de Benguella, onde foi governador, tendo-lhe dado a liberdade por affeição que lhe tinha.

Ambos roubaram a seu amo a quantia de tres para quatro centos de réis em oiro e notas, tendo-lhe a criada subtraído naquella noite a chave da sua carteira, onde tinha o dinheiro, que levaram todo, deixando porém muita prata, e outros valores que havia em varias partes da casa, sem duvida para que alguma pessoa da familia não sentisse bulha, e désse pelo roubo.

Consta que os dois fugitivos ladrões embarcaram para o Algarve no hiate *Dois Amigos, Sancto Antonio e Almas*, que no mesmo dia saíu a barra, constando todavia que ainda de tarde foram vistos em Belem.

*P. dos Pobres de Lisboa.*

### MAGNETISADOR.

4237 SEM embargo da conversão de Mr. *Rostan*, e não obstante o grande numero de crentes, que hoje ha em Londres e Paris nos milagres dos discipulos de Mesmer, não sabemos porque, temos um espirito que ainda se não póde deixar adormecer pelo magnetismo, e entretanto a ninguem fasia elle tanta conta como a nós; poderiamos lêr, lêr pelos cotovellos ou pelo estomago, *ad libitum*, que d'este jaêz e maiores, e mais admiraveis ainda, são as coisas que ao Periodico dos Pobres no Porto se contam de Coimbra, ácerca dos portentos operados por um magnetisador, que lá arribou, ido de Lisboa, onde se iniciára na nigromantica sciencia com certo francez.

Nós esperamos anciosamente pelas insuspeitas informações que, sem duvida, terá a bondade de nos dar a este respeito o nosso sabio correspondente, medico d'aquella cidade, o Sr. *Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão*.

### QUADRILHA.

(*Carta.*)

*Lisboa 5 de maio de 1845.*

4238 A QUINTA da *Regada* (pertencente ao Padre José Marques) em *Torre d'Eite*, junto a Vizeu, escrevem-me d'aquella cidade, foi, na noite de 18 para 19 de abril, assaltada por uma quadrilha de 23 individuos. Era meia noite; cortaram por precaução a corda de uma sineta, que havia á porta da caza, mas foram presentidos. O Padre não achando a corda para tocar a rebate foge pelos telhados: uma sua criada enche-se de animo; e com um ferro, se põe a tocar na campana. Os de fóra desparam-lhe dois tiros, cujas ballas ficam embebidas na porca da sineta. Temerosos das consequencias do alarma, retiram-se. Tres porém ficam a traz para cobrir a retirada: um rapaz se apodéra de um d'elles já bem ferido. Da confissão do primeiro, resultou saír cavallaria em diversas direcções á caça dos bandidos, vinte dos quaes foram havidos ás mãos: era o capitão da quadrilha um ex-tambor mór do regimento 14, Vianna, que no acto da captura puchou de um estoque e investiu com o regedor; os outros eram o actual quartel mestre do batalhão n.° 14, dois sargentos, cabos, anspeçadas, e soldados do mesmo corpo em numero de dezoito!!

*J. M. Campêlo.*

### UMA SCENA DE INQUISIÇÃO EM 1845.

4239 MERECE levado á noticia de todos, para que a reprovação publica se lhe torne o primeiro castigo e constranja as respectivas auctoridades a não pouparem os ulteriores, um caso de sevicias que, em duas cartas assignadas, se nos refere, commettidas no dia 5 do passado, n'um preso da cadêa do Lavradio, termo de Alhos-Vedros.

Por ordem de certa auctoridade foi o preso, que era ainda rapaz, pendurado no ar, com uma enorme pedra atada aos pés e outra ao pescoço, a ver se com as dores do tracto confessaria um crime de morte de homem, que se dizia haver elle commettido.

### O SEU A SEU DONO.

(*Carta.*)

*Lisboa 5 de maio de 1845.*

4240 TENDO lido no *Diario do Governo* n.° 86 de

corrente anno, e na *Illustração* n.º 2, que eu fôra encarregado por S. M., como mestre de SS. AA. Reaes, e da sua real capella, da musica para a solemnidade dos santos oleos, na real igreja de Sancta Maria de Belem, no dia 8 do mez proximo passado, é do meu dever declarar que a musica que naquella occazião se executou, nenhuma foi de minha compozição; o *Te Deum* era do mestre Antonio Copola, o *Tantum ergo* do mestre Cherubini e as sinfonias do mestre Winter.

*Manuel Innocencio dos Santos.*

---

### DESGRAÇA PREVINIDA A TEMPO.

4241 Sexta-feira 25 do passado, ao cair da tarde, hia pela rua dos Franqueiros acima, caminho do hospital de S. José, pelo braço de um cabo, do regimento dos granadeiros da rainha, um sujeito dos seus cincoenta annos, acceado, e fallando muito alto, com risos e meneios de alienado: mais atraz dois soldados do mesmo corpo, e muita gente, como se costuma aggregar a taes espectaculos.

Era um barraqueiro dos mais conhecidos e abastados das feiras d'esta provincia, residente no Seixal, em quem havia dias se conheciam vehementes signaes de alienação: teimando para vir a Lisboa com sua filha mais pequena, sua mulher o mandára vigiar por pessoa, que no desembarque no caes das columnas, conhecendo que elle trasia mal escondido, um punhal e uma pistola, fôra dar parte ao commandante da guarda da praça, o qual mandou um cabo e dois soldados para o prenderem.

O cabo houve-se com summa habilidade, chegando-se a elle, como para o cumprimentar, pedindo depois as armas, que lhe entregou immediatamente, disendo. «Peço-lhe que me não faça mal, porque eu só «quero mattar-me a mim, e a esta minha filha, e não «faço mal a mais ninguem.» O cabo depois deu-lhe o braço, e o foi conversando até ao hospital, onde o deixou.

---

### PACIFICAÇÃO POR HYDROPATHIA.

(*Communicado.*)

4242 Terça feira, 29 do passado, indo um barco da carreira de Lisboa para Belem cheio de passageiros, dois d'elles e amigos se pozeram a conversar sobre se tinham sido doces ou azedas as laranjas este anno: houve disputa apesar de ser sobre gostos, e disputa que se foi azedando até se travarem de unha um com outro. Reboliço no barco: uma celeuma muito fina das passageiras a pedirem soccorro para terra. O catraeiro, homem já velho e traquejado, larga os remos sem dizer palavra, atira-se aos luctadores e baldêa com elles ambos abraçados ao mar.

Abraçados mergulharam e foram ao fundo, mas tornaram a surdir á flor da agua já desunidos. A terra estava perto, alcançaram-n'a e tão cheios da graça efficaz d'aquelle baptismo, que o primeiro que saiu em secco, começou a chamar enternecidamente pelo companheiro e a estender-lhe as mãos para que subisse. Para consolidarem ainda mais a amisade, escaparem á gaihofa do rapasio, e a alguma constipação, que os rapasse, acoitaram-se correndo na taberna mais proxima, onde provavelmente enxugariam além do fato alguns quartilhos.

### VIRGILIO E HOMÉRO.

4243 Contentes annunciamos haver já saído á luz o primeiro livro da Eneida com a traducção em verso solto portuguez, pelo Sr. José Victorino Barreto Feio; — quarto; 72 paginas: com a lithographia de um busto antigo do auctor. Impressão nitida e bello papel. Vende-se nas lojas do costume.

Sobre esta obra nada podemos accrescentar ao que já tocámos sob a epigraphe «Homéro e Virgilio» no artigo 3255 a pagina 22 d'este volume. Agora estão os nossos leitores a tempo de avaliar por si a exacção dos elogios, que então lhe demos. Adoptado o systema, que todavia confessamos não ser o nosso, de tradusir sempre todas as frases e palavras, e de passar para a nossa lingua até os minimos movimentos e geitos de estilo de um poeta estrangeiro, a obra do Sr. José Victorino não póde ser excedida.

Mas pois que no citado artigo haviamos preposto á noticia d'esta traducção, a de outra ainda mais necessaria, por ser de lingua muito mais ignorada e nunca em portuguez se haver commettido, a saber a da Odysséa, pelo Sr. Viale, aproveitamos a mão para supplicarmos ao mesmo Sr., em nome dos amantes das boas lettras, que leve animosamente ao cabo o seu improbo sim, mas glorioso trabalho, já tão prosperamente auspiciado perante o publico pela amostra que d'elle podémos dar na pagina 471. Obras taes não são para agradar a todos, tornamol-o a confessar; mas aos habilitados para as intenderem, aos não pervertidos totalmente pela intolerancia da modernice, aos não gastados pelo abuso dos estimulos e opios romanticos, ha-de agradar e sobre modo.

N'este ponto insistimos, por nos constar que houve desalmado, que procurou tradusir (o como não o adivinhamos nós) em chasco ironico o sincerissimo louvor que démos, e aqui novamente damos ao que temos podido vêr da Odysséa do Sr. Viale.

---

### PASSAGEM DE MERCURIO PELO SOL.

4244 No dia em que este numero se publicar, quinta-feira, ás 3 horas e 45 minutos da tarde, principiará a faser o nosso çomplaneta Mercurio o seu transito pelo disco do sol: estará no meio ás 7 e 35 minutos, e effectuará o seu egresso ás 10 e 16 minutos. Os curiosos pódem observar este phenomeno contemplando o sol por um vidro de côr, ou a imagem do mesmo sol n'uma bacia escura cheia de agua, ou mais facilmente ainda, picando com uma agulha ou alfinete fino um papel e olhando para o bello astro atravez d'este buraquinho.

---

### FOLHETINS MARITIMOS.

4245 Com publico reconhecimento agradecemos ao nosso desconhecido amigo, o auctor dos *Folhetins Maritimos*, publicados no *Patriota*, o entranhado amor que professa á terra do nosso commum nascimento, pois que a esse amor, paixão tão nossa como sua, é que devemos o offerecimento que nos faz da sua amisade.

Insofridos aguardamos o dia, em que por mais amplo e intimo trato lhe possamos provar que a merecemos.